

EMOÇÕES NOS ANIMAIS

Irvenia PRADA¹

INTRODUÇÃO

Uma simples ameba é capaz de “perceber” a diferença entre alimento e agente aversivo. Do protoplasma sensível aos neurônios e constituição de um sistema nervoso, chega-se à noção de que a matéria viva representa o “órgão” (do grego *organon* = meio, recurso) de expressão da mente, dimensão esta que Gregory Bateson considera “o processo cognitivo de manifestação da vida”, superando a visão cartesiana que restringia sua existência apenas ao ser humano (CAPRA et al., 1991).

DADOS HISTÓRICOS

Desde meados do século XIX a ciência acadêmica admite a idéia de que o cérebro interage com a mente, dada a ocorrência dos conhecidos casos de Phineas Gage (nos EUA) e do Sr. Leborgne (paciente do cirurgião francês Pierre Paul Broca). Em 1935 John Fulton apresenta em Londres os efeitos (“tamponamento psíquico”) de lesões experimentalmente provocadas no *cortex pré-frontal* de duas chimpanzés - “Becky” e “Lucy”. Em 1936 Egas Moniz e Almeida Lima passam a realizar a cirurgia em pacientes humanos, como terapia para algumas doenças mentais. Em 1952 o neurocientista Paul Mac Lean propõe o termo “*sistema límbico*”, aceito até hoje, para definir o conjunto de estruturas encefálicas relacionadas às manifestações emocionais.

O CÉREBRO COMO “ÓRGÃO” DE MANIFESTAÇÃO DA MENTE

Paul Mac Lean (1968) concebe a arquitetura cerebral em três blocos, adquiridos filogeneticamente: as formações reptiliana (tronco encefálico), paleomamífera (sistema límbico) e neomamífera (córtex cerebral).

¹ Professora Titular da Universidade de São Paulo. Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia, Departamento de Cirurgia. Av. Prof.Dr. Orlando Marques de Paiva, 87- Cidade Universitária-Butantã-05508000 - Sao Paulo, SP – Brasil - Telefone: (11) 30911311

Às duas primeiras atribuem-se as funções de autopreservação (alimentação, ataque e defesa, demarcação territorial, práticas ritualísticas e hierarquia social) e de perpetuação da espécie (funções sexuais e reprodutivas), cujas manifestações somáticas (taquicardia, vasoconstrição periférica, midríase e outras) revelam “*emoções primárias*”, “*instintivas*”, como o medo e as sensações primitivas do prazer associadas à satisfação dos impulsos de fome, sede e libido.

Em contrapartida, as chamadas “*funções psíquicas superiores*”(associação de idéias, mecanismos de memória, aprendizado, julgamentos, crítica de situações e planejamentos) requerem a participação do córtex cerebral.

Do Sistema Límbico participam o corpo amigdalóide ou amígdala (“agressividade”; não confundir com violência), a área septal (prazer), o tálamo, o hipotálamo (principal centro da função visceral), o giro do cíngulo, o hipocampo (memória recente) e o giro parahipocampal.

VIAS NEURAIS DAS EXPRESSÕES EMOCIONAIS

A amígdala é o portal de entrada dos estímulos que geram emoções. Daí são transmitidos ao hipotálamo e ao corpo como um todo, via medula espinal, gerando outros estímulos que em “*feed-back*” chegam ao cortex cerebral. Em lesões altas da medula, há diminuição na intensidade do “sentir” a experiência, por falta do “*feed-back*” corporal.

O AGENTE DO “SENTIR” E OS CONCEITOS DE “SENSAÇÃO” E DE “EMOÇÃO”

O “sentir”, função subjetiva e intimista, representa o ponto final da via sensorial transmissora de alguma informação. Na postura dualista (cérebro e mente como entidades independentes), o “agente do sentir” corresponde à dimensão mental do indivíduo, seja animal ou ser humano. Essa dimensão interage, no plano neural, com as áreas de associação terciárias, isto é, com o córtex pré-frontal, córtex temporal e áreas corticais límbicas, que funcionam como transdutores neuro-psíquicos, uma vez que a partir delas, a informação “salta” para a dimensão mental, num processo por enquanto

desconhecido pela ciência. Ainda é interessante fazer-se a diferença entre o “sentir” (plano do afetivo) e o “saber” (plano do cognitivo).

Por sua vez, o conceito de “emoção” (“*ex*” = para fora e “*moção*” = movimento) acha-se afeto à função motora, pela qual o indivíduo “*põe para fora*” o que está sentindo. A emoção é, portanto, objetiva e observável pelo comportamento, que se expressa com envolvimento do sistema límbico.

A TRANSIÇÃO EVOLUTIVA A PARTIR DOS RÉPTEIS

Embora o comportamento de “*cuidar do outro*” já se esboce em peixes e anfíbios, é nos répteis que ele se estabiliza. A fêmea passa a botar seus ovos resultantes de fertilização interna, com redução do número de crias, em relação aos estágios anteriores, em um determinado local fora do meio líquido (ninho) e assim surge a função de proteção e cuidados parentais. Esse “*cuidar do outro*” vem a se tornar, no processo evolutivo, o que chamamos de altruísmo e, o ninho, os fundamentos do lar. Nesta fase surge ainda a comunicação áudio-vocal (pais e filhos emitem sinais de determinada frequência e se reconhecem) e na transição para mamíferos, a atividade lúdica. Estudos recentes do psiquismo fetal humano indicam a importância de se conversar afetivamente com a criança, ainda no claustro materno, função “herdada” do processo evolutivo. Por outro lado, a atividade lúdica reforça os laços sociais em grupos que convivem coletivamente.

RESÍDUOS FILOGENÉTICOS NO COMPORTAMENTO HUMANO E ADAPTAÇÕES EVOLUTIVAS

Darwin, em sua obra “*A Expressão das Emoções no Homem e nos Animais*” (DARWIN, 2000) e outros autores referem diferentes comportamentos que “herdamos” de estágios filogenéticos anteriores. A postura ereta liberou os membros anteriores, da função de apoio e assim várias atividades que eram realizadas pela boca (higiene corporal, apreensão de alimento, cuidados com a cria, ataque e defesa) passaram para as mãos. Ainda se conserva em nós a reação instintiva de proteger a face visceral (anterior) do corpo, anatomicamente mais frágil, nas ameaças de agressão, pois só a

expomos nas situações que nos transmitem confiança, como nos abraços afetivos. Em primatas já se observa que as mãos em concha com concavidade voltada para cima, simbolizam ato de pedir, de submissão, enquanto a postura contrária indica intenção de agressão. No comportamento humano, o cumprimento social mantém as mãos em posição intermediária, na vertical (não sou submisso a você nem vou agredi-lo, por enquanto...). Também o sorriso social, tão bem estudado por Duchenne, mostra uma forma intermediária entre mostrar os dentes (agressão) e “fazer biquinho” (submissão). Hoje se reconhece a importância das conexões entre as estruturas límbicas e a área pré-frontal, pois sempre é necessária a base emocional para a tomada de decisões, para que se possa optar por isto ou aquilo, do que se passa a entender que as chamadas posturas frias e racionais, isentas de emoções, representam mera pretensão.

A TEORIA DOS “CAMPOS MÓRFICOS”

Rupert Sheldrake (1999) não apenas defende a tese de que os animais se comunicam telepaticamente com os seres humanos, como ainda é o criador da teoria dos “campos mórficos”. Os seres vivos teriam uma matriz eletro-magnética organizadora da matéria, com ressonância em relação a outras matrizes e por intermédio da qual haveria troca de informações, tanto no terreno cognitivo, quanto no das emoções. Não é difícil associar-se esse modelo como o conceito de “inconsciente coletivo” de Carl Jung, espécie de “música inaudível”, como já disse alguém, que levaria os indivíduos a “dançarem” todos no mesmo ritmo.

OS ANIMAIS COMO SERES SENCIENTES

Particularmente a partir dos anos 60, com os trabalhos de Gregory Bateson, Maturana e Varela (2001) e tantos outros que se seguiram, como Donald Griffin (1994), Roger Fouts e Mills (1998) e Sheldrake (1999), não mais se admite que os animais sejam considerados como máquinas cartesianas insensíveis e automatizadas, movidas por um combustível chamado de instinto. A moderna Biologia e a Antropologia revelam que as diferenças estruturais entre o cérebro dos animais e o cérebro humano (órgãos de expressão da mente), são de natureza quantitativa e não qualitativa, como tentei

demonstrar em meu livro de cunho acadêmico “*A Alma dos Animais*” (PRADA, 1997). Neste aspecto, é interessante o conhecimento da obra “*A Pré-História da Mente*”, de Steven Mithen (1996). Hoje os animais devem ser respeitados como “*seres sencientes*” (do latim *sentiens* = que sente), ou seja, que tem emoções, sentimentos e função racional correspondente, pois para se “*sentir*” é necessária a interpretação cognitiva da situação (PRADA, 2008). Este novo entendimento da real natureza dos animais requer uma revisão ética de todos os nossos procedimentos em relação a eles, companheiros de vivência neste mesmo planeta, a casa de todos.

REFERÊNCIAS:

- CAPRA, F.; STEINDL-RAST, D.; MATUS, T. **Pertencendo ao Universo. Exploração nas fronteiras da ciência e da espiritualidade.** São Paulo: Ed. Cultrix Ltda, 1991
- DARWIN, C. **A Expressão das Emoções no Homem e nos Animais** (Introdução de Konrad Lorenz). São Paulo: Cia das Letras, 2000
- FOUTS, R.; MILLS, S.T. - **O Parente Mais Próximo.** Rio de Janeiro: Editora Objetiva Ltda, 1998.
- GRIFFIN, D. R. **Animal Minds.** Chicago and London: The University of Chicago Press, 1994.
- MAC LEAN, P. - **The Triune Brain in Evolution: role in paleocerebral functions.** New York: Plenum Press, 1968
- MATURANA, H.R.; VARELA, F.J. **A Árvore do Conhecimento. As Bases Biológicas da Compreensão Humana.** São Paulo: Ed. Palas Athena, 2001.
- MITHEN, S. - **The Prehistory of the Mind. The Cognitive Origins of Art and Science.** London, Thames and Hudson Ltd, 1996
- PRADA, I. - Os Animais são Seres Sencientes . In: TRÉZ, T. **Instrumento Animal. O Uso Prejudicial de Animais no Ensino Superior,** Bauru, SP: Canal 6, 2008
- PRADA, I. **A Alma dos Animais.** Campos do Jordão, S.P.: Ed. Mantiqueira, 1997.
- SHELDRAKE, R. - **Cães sabem quando seus donos estão chegando.** Rio de Janeiro: Ed. Objetiva Ltda., 1999